

A PRESENÇA DO *LIBER DE CAUSIS* NA OBRA DE MEISTER ECKHART

Matteo Raschetti

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Natal, v. 22, n. 37
Jan.-Abr. 2015, p. 53-76

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: A tradução árabe de alguns trechos do tratado de metafísica *Elementatio Theologiæ* de Proclo, conhecida com o nome de *Liber de Causis* e atribuída erroneamente a Aristóteles, influenciou três grandes pensadores dominicanos da Idade Média: Alberto Magno, Tomás de Aquino e Meister Eckhart. Composto de trinta e uma proposições, defende a tese da existência de uma causa primeira que dá o ser a tudo o que existe, sem nenhuma exceção. Os estudiosos são unânimes em reconhecer que este livro pseudo-epigráfico possui um peso relevante nos momentos centrais da obra eckhartiana, tanto latina quanto alemã. Em particular, o turíngio lança mão da *auctoritas* do *Liber de Causis* para sustentar a imanência-transcendência simultânea da Causa Primeira nas criaturas, a doutrina da hierarquia dos entes, a concepção do ser como *ratio prima* da criaturalidade, a inefabilidade de Deus. Além desses aspectos ontológicos, este trabalho apresenta também o aspecto especificamente antropológico do esvaziamento de toda criatura como *conditio sine qua non* para a união com o único Uno (*einic ein*), como traço inconfundível da presença do *Liber de Causis* na obra de Meister Eckhart.

Palavras-chave: Causa primeira; Inefabilidade; Despojamento.

Abstract: The arabic translation of some parts of Proclus' metaphysical treaty *Elementatio Theologiæ*, known by the name of *Liber de Causis* and misattributed to Aristotle, influenced three great Dominican thinkers of the Middle Ages: Albert the Great, Thomas Aquinas and Meister Eckhart. Composed of thirty-one propositions, argues for the existence of a first cause that gives being to all that exists, without exception. The experts are agreed that this pseudo-epigraphic book has a great importance in the central moments of Eckhart's work, both Latin and German. In particular, the Thuringian uses the *auctoritas* of *Liber Causis* to sustain the simultaneous immanence-transcendence of the First Cause in creatures, the doctrine of the hierarchy of beings, the concept of being as *ratio prima* of creatureliness, the ineffability of God. In addition to these ontological aspects, this work also presents the specifically anthropological aspect of the emptying of every creature as a *conditio sine qua non* for union with the only One (*einic ein*) as unmistakable trace of the presence of *Liber Causis* in Meister Eckhart's work.

Keywords: First cause; Ineffability; Detachment.

Introdução

Na Idade Média era comum a prática da pseudo-epigrafia, ou seja, a atribuição de certas obras a um autor de renome sem que ele fosse realmente seu redator. Dois tratados de cunho essencialmente neoplatônico, a *Teologia de Aristóteles* e o *Liber de Causis*, foram atribuídos ao Estagirita, fato que causou uma profunda influência na interpretação de seu pensamento. O primeiro tratado revela uma dependência das *Enéadas* de Plotino (livros IV-VI), enquanto o conteúdo do segundo é tomado de empréstimo à *Elementatio Theologiæ* de Proclo. Segundo Gilson, “a consequência mais importante desse fato foi que, no conjunto, o pensamento árabe colocou sob a autoridade de Aristóteles uma síntese do aristotelismo e do neoplatonismo, sobre a qual a reflexão e a crítica dos teólogos do século XIII teve forçosamente, mais tarde, de se exercer”¹.

No *Studium generale* de Colônia da ordem dos Dominicanos, três dos seus maiores representantes, Alberto Magno, Tomás de Aquino e Meister Eckhart se debruçaram sobre o *Liber de Causis*: o *Doctor Universalis* o comentou (parece, inclusive, que Dante Alighieri estudou no comentário dele), o *Doctor Angelicus* descobriu sua pseudoepigrafia e, quanto ao terceiro, embora o grau de intensidade e sistematicidade não foi o mesmo dos dois primeiros, é indiscutível que tenha lançado mão dele nos momentos centrais da sua obra. É o que se tentará mostrar neste trabalho.

1. Meister Eckhart leitor do *Liber de Causis*

O *Liber de Causis* foi a principal fonte neoplatônica não-cristã da Idade Média que exerceu uma particular influência na assim chamada “mística renana” ou “mística alemã dos séculos XIII e XIV”, conforme a expressão de M. Grabmann. Segundo De Libera²,

¹ Gilson, 2007, p. 425.

² De Libera, 1984, p. 10-72.

é possível falar de uma verdadeira cultura filosófica alemã produzida, elaborada e levada a cabo pelos Dominicanos em modo independente da universidade de Paris. Entre as figuras mais relevantes da Ordem, Alberto Magno não foi apenas o iniciador dos seus confrades alemães na filosofia, nas ciências e na teologia, mas exerceu outrossim uma influência determinante na espiritualidade dominicana de sua província, imprimindo-lhe um caráter decididamente neoplatônico. Proclo, em particular, foi o interlocutor privilegiado da cultura filosófica que permeava a mística renana, e todos os teólogos do *Studium Generale* de Colônia, em maior ou menor medida, lançaram mão do *Liber de Causis* como instrumento necessário para elucidar a teoria do intelecto e da causalidade inteligível.

Meister Eckhart, embora não tenha se confrontado com ele tão intensa e sistematicamente como os confrades Alberto Magno e Tomás de Aquino, lança mão da sua *auctoritas* nos momentos centrais da sua extensa produção, como apontam detalhada e profundamente dois trabalhos que tratam desse assunto³. Mais especificamente, de acordo com Retucci⁴, nas obras latinas o mestre dominicano cita o *Liber de Causis* cento e duas vezes: quarenta e duas em forma de citação explícita literal, das quais nove provêm da proposição XX (XXI), trinta e oito em forma de citação explícita doutrinal, vinte e duas em forma de citação implícita literal (das quais doze provêm da proposição XX (XXI), três da proposição XIV (XV), duas das proposições II, IV, VI (VII), XXII (XXIII) e uma da proposição II). Apenas duas vezes o turíngio se refere ao *Liber de Causis* em forma anônima, introduzindo as citações com a fórmula genérica “*secundum illud*”, respectivamente das proposições IV e XX (XXI).

Nas obras alemãs há 10 citações do *Liber de Causis*, realizadas em dois modos: quase sempre em forma explícita indeterminada,

³ Retucci, 2008, p. 135-166; Meliadó, 2013, p. 501-553.

⁴ Retucci, *ibidem*, p. 137-138.

introduzindo a citação com estas palavras: “*Um mestre pagão diz*” (Pr. 3)⁵, “*Um mestre diz*” (Pr. 8)⁶, “*Um pagão diz*” (Pr. 19)⁷, “*Um velho mestre diz*” (Pr. 32)⁸. Eckhart declara explicitamente sua fonte apenas em dois casos, ambos da pregação 80: “*Sobre isso um mestre pagão nos diz no livro que se chama a luz das luzes*”⁹; “*Por isso, diz o mestre no livro que se chama uma luz das luzes*” (Pr. 80)¹⁰. Nesses casos, o turíngio se refere ao *Liber de Causis* com o nome “*Daz lieth der liehte*” (“*Das Licht der Lichter*”, em alemão moderno), correlativo em médio-alto alemão do latim “*lumen luminum*”, uma paráfrase de Alberto Magno que atribuiu erroneamente sua paternidade a Avicena.

Segundo Meliadó¹¹, ao invés, na edição integral das obras de Eckhart podem ser contadas cento e vinte referências ao *Liber de Causis*, das quais oitenta e seis explícitas: em setenta e quatro casos, relativos à obra latina, o *Liber* é mencionado expressamente, e em outros vinte e três as indicações auxiliares são precisadas através do número da proposição. Isso leva o estudioso a afirmar que, para o turíngio, o *Liber de Causis* é a autoridade da tradição medieval mais importante do ponto de vista teológico e filosófico, tendo um peso muito maior do que o próprio Proclo. Além disso, é interessante ressaltar o uso seletivo que o mestre dominicano faz do *Liber de Causis*, lançando mão de apenas dezessete proposições¹²:

⁵ Mestre Eckhart, 2006, p. 54.

⁶ *Ibidem*, p. 79-80.

⁷ *Ibidem*, p. 135.

⁸ *Ibidem*, p. 199.

⁹ Mestre Eckhart, 2008, p. 104.

¹⁰ *Ibidem*, p. 105.

¹¹ *Op. cit.*, p. 506-507.

¹² *Ibidem*, p. 510.

<i>Proposição</i>	<i>Citações</i>	<i>Explícitas</i>	<i>Implícitas</i>	<i>Literais</i>	<i>Doutriniais</i>
<i>LdC I</i>	8	7	1	-	8
<i>LdC II</i>	4	3	1	3	1
<i>LdC III</i>	3	3	-	2	1
<i>LdC IV</i>	9	7	2	8	1
<i>LdC V (VI)</i>	9	7	2	3	6
<i>LdC VIII (IX)</i>	11	11	-	4	7
<i>LdC IX (X)</i>	4	3	1	2	2
<i>LdC XI (XII)</i>	7	7	-	4	3
<i>LdC XIV (XV)</i>	6	3	3	5	1
<i>LdC XV (XVI)</i>	3	3	-	1	2
<i>LdC XVI (XVII)</i>	3	3	-	3	-
<i>LdC XVII (XVIII)</i>	2	2	-	2	-
<i>LdC XIX (XX)</i>	3	3	-	1	2
<i>LdC XX (XXI)</i>	34	13	21	23	11
<i>LdC XXI (XXII)</i>	5	2	3	4	1
<i>LdC XXIII (XXIV)</i>	6	6	-	3	3
<i>LdC XXXI (XXXII)</i>	3	3	-	-	3

Como explicar a diferença quanto ao número de citações apresentadas pelos dois autores? De acordo com Retucci, as linhas editoriais dos volumes *Studi sulle fonti di Meister Eckhart* têm sido bastante rigorosas. Para evitar interpretações pessoais e obedecer à objetividade dos dados (e, além disso, oferecer uma contribuição diferente daquela que até agora foi dada na interpretação da obra do mestre dominicano), ela decidiu tomar em consideração apenas as citações explícitas ou implícitas literais. Por isso, ficaram de fora todas aquelas citações ou pseudocitações em que era possível reconhecer um eco ou vislumbrar o uso livre de uma fonte, sem entretanto identificá-la de forma certa. Assim, ela procurou ler as fontes em modo científico, quase matemático, excluindo tudo aquilo que podia ser opinável, e esta seria a razão pela qual o número de citações que ela apresenta não bate com aquele apresentado por Meliadó. Retucci considerou apenas os casos em que Eckhart cita o *Liber de Causis* de forma segura, excluindo todos os casos em que a citação tinha uma proveniência dúbia; Meliadó, ao contrário, tomou em consideração também aquelas partes em que era possível supor o uso daquela autoridade, mesmo não havendo declarações explícitas por parte do turíngio. Obviamente, as duas escolhas são justificadas por dois tipos de aproximação ao problema: a primeira visa apresentar um índice arrazoado e científico das ocorrências certas e seguras na obra eckhartiana, enquanto o segundo quer fazer um amplo levantamento da influência do *Liber de Causis* na obra do mestre dominicano.

As ideias que o mestre dominicano pede ao *Liber de causis* de elucidar são extremamente importantes para a formulação do seu pensamento original. Nas obras latinas, elas têm a ver com a doutrina do ser em Deus e a Unidade em si, mas também com sua ação criadora *ad extra*, o ser e o agir do fundamento e da origem divina no ser criado, bem como a hierarquia da totalidade do real em si mesmo e a estrutura do intelecto ou da alma como movimento que colhe si mesma reflexivamente. Nas obras alemãs, por sua vez, estão ligadas com as temáticas da imanência-

transcendência simultânea da causa primeira nas criaturas, da doutrina da hierarquia dos entes, da concepção do ser como *ratio prima* da criaturalidade e da inefabilidade de Deus. Por uma questão de método, as obras latinas e alemãs serão analisadas separadamente.

2. A presença do *Liber de Causis* nas obras latinas

Analisando a tabela das citações do *Liber de Causis* reproduzida no parágrafo anterior, o que salta aos olhos é a preponderância da proposição XX (XXI): *Primum est dives per seipsum et non est dives majus* (A causa primeira é rica por si mesma, e não existe nada mais rico do que ela)¹³. De acordo com Beierwaltes¹⁴, a explicação dessa proposição no *Liber de Causis* encontra seu fundamento na riqueza do ser primeiro na sua unidade: ela não é espalhada em si mesma (*sparsa in ipso*), tampouco há nela alguma diferenciação, sendo exclusivamente pura unidade (*unitas pura*). O turíngio vai adotar esse fundamento do ser em três momentos da sua obra latina: no *Prologus generalis in Opus tripartitum* (n. 10), no *Prologus in Opus propositionum* (n. 21) e no *Sermo XXIX*:

Cumpra fazer uma segunda observação preliminar. Há uma regra universal segundo a qual o anterior e o superior não recebem absolutamente nada do posterior e nem são afetados por aquilo que pode estar nele. Mas, inversamente, o anterior e o superior afetam o inferior e o posterior, derramam nele suas propriedades e se tornam semelhantes a eles, como a causa com o causado e o agente com o paciente. Com efeito, pertence à natureza do primeiro e do superior, sendo [que] ele é “rico em si”, influenciar e afetar o inferior com suas propriedades, entre as quais há a unidade e a indivisão. O inferior dividido é sempre um e indiviso no superior. Donde é evidente que o superior não se divide de modo algum no inferior, mas permanece indiviso, coligindo e reunindo as coisas que são divididas no inferior.¹⁵

¹³ Ter Reegen, 2000, p. 142-143.

¹⁴ Beierwaltes, 1994, p. 285-300.

¹⁵ De Libera; Wéber; Zum Brunn, 1984, p. 52-53.

Em segundo lugar como segue. “O primeiro é rico em si”, como se diz no *Liber de causis*, mas não será “rico em si” nem “o primeiro” se alguma outra coisa fora dele doar-lhe o ser. Portanto, nenhum ente que seja assim ou assado [*hoc aut hoc*] dá o ser, embora as formas doem o ser assim ou assado enquanto assim ou assado, mas não enquanto ser. E isto é o que se diz em João 1: “Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi feito”. Pois “são” ou “é” significam o ser.¹⁶

Em décimo-primeiro lugar, porque Deus é riqueza copiosa [*dives profusivus*] enquanto é Uno. De fato, é primeiro e supremo por causa do ser-uno. Por isso, o Uno se derrama em todas as coisas particulares, permanecendo sempre uno e unido o que é dividido. Por isso seis não é duas vezes três, mas seis vezes um.¹⁷

Eckhart compreende, em conformidade com o *Liber de Causis*, que o ser-rico de Deus é, em si mesmo, um ser eminente, fundamento de todo ser da realidade que, procedendo dele, encontra-se abaixo dele (*inferius*) ou depois dele (*posterior*), de tal forma que deve necessariamente ser pensado como plenitude (*plenitudo*) ou superabundância (*plenitudo, abundantia*) do ser. O ser primeiro se derrama nas coisas particulares enquanto ele é o fundamento do ser delas.

A essência do Uno está justamente em ser produtor de unidade, o que se poderia expressar com a fórmula latina *unum diffusivum sui est*, equivalente da fórmula medieval *bonum diffusivum sui est*. Procli, na *Elementatio Theologiæ*, escreve:

[...] por causa da sua bondade tem a faculdade de fazer subsistir todos os seres com um ato unitário (de fato o Bem e o Uno são a mesma coisa, portanto também o ato bom se identifica com o ato unitário); assim também todos os seres que vêm depois dele, pela sua perfeição são impelidos a gerar outros seres inferiores ao ser deles.¹⁸

¹⁶ *Ibidem*, p. 88-89.

¹⁷ Mestre Eckhart, 1955, p. 266.

¹⁸ Procli Diadochi, 2009, Teorema 25.

Nesta difusão de si mesmo, o Uno-Bem mantém absoluta transcendência. Em modo análogo ao deus aristotélico que, permanecendo imóvel, move todas as coisas, mas com amplificações e aprofundamentos metafísicos conspícuos, Proclo afirma que o Uno-Bem não-participado produz por participação todas as coisas: sem mutações, nem alterações, nem diminuições de algum gênero produz tudo pela superabundância de potência e perfeição.¹⁹ Meister Eckhart une esse conceito à mensagem do Novo Testamento no *Sermo XXVII*, onde se encontra novamente a proposição XX (XXI) do *Liber de Causis*: Deus doa tudo a todos copiosamente, enquanto “autossuficiência” em si que se doa e se torna “suficiência” do ser humano, homem e mulher:

Sufficiencia nostra ex deo est, Cor 3 [2 Cor 3,5]. Em terceiro lugar, como se dissesse: em sua liberalidade Deus nos dá coisas suficientes, ou seja, que bastam; e, enquanto “o primeiro é rico em si”, “dá a todos copiosamente (*affluenter*)” [Tg 1,5]. Ou também: “com suficiência”, isto é, a virtude da suficiência. De fato, o avarento nunca diz: é suficiente.²⁰

Enquanto a causa primeira é rica por si, não recebe nada de ninguém e tampouco é influenciada por algo, pelo contrário, doa toda si mesma ao ser criado que, na sua individualidade, carrega em si os traços da totalidade: aquilo que existe deriva totalmente da causa primeira, como existência e como essência. É o que o mestre dominicano afirma no *Sermo LIV*, onde cita novamente a proposição XX (XXI) do *Liber de Causis*:

Eum. Nota: o pronome significa a mera substância. Prossegue isso, como quiseres. O nome *Dominus* é primeiro aquele que influi, no qual nada a não ser ele mesmo influi em todas as coisas e em todos. De onde o *De causis* diz o primeiro é rico em si, e assim preenche [*implet*] a alma.

¹⁹ *Ibidem*, Teorema 27: “*Omne producens propter perfectionem et potentiae circumstantiam productivum est secundorum*”.

²⁰ Mestre Eckhart, *op. cit.*, p. 246-247.

Spiritu. Em sentido duplo: primeira e subjetivamente no espírito, em segundo lugar efetivamente, isto é, o espírito santo.²¹

Sempre no que tange a proposição XX (XXI) do *Liber de Causis*, o mestre dominicano escreve no seu *Comentário ao Eclesiástico (Super Ecclesiastici)*, após afirmar que a potência geradora não é a essência em absoluto, mas a essência junto com a relação (*potentia generandi non est essentia absolute, sed essentia cum relatione*)²²:

É necessário, portanto, que haja relação, razão pela qual há fecundidade e relação em Deus. E isso é o que diz Boécio: “a essência contém a unidade, a relação multiplica a Trindade”. Por isso, se diz claramente em Jo 1 segundo uma outra exposição: “Em princípio era o verbo”; pois o Pai não diz o verbo nem gera o Filho enquanto essência ou substância, mas enquanto princípio. Por isso se sói expor: “em princípio, isto é, no Pai “era o verbo”. Mas o princípio, como é o primeiro, introduz a ordem e a origem. No De causis, de fato, se diz: “o primeiro é rico por si”. Diz “*Primum*” [o primeiro] e não *primus* [primeiro], porque em razão da relação ou da ordem Deus tem efusão ou fecundidade [*diffusionem sive fecunditatem*] seja no divino que nas criaturas, Tg. 1: “Dá a todos liberalmente”, isto é, tudo; e o apóstolo em Cor. 12: “opera tudo em todos”. Com efeito, a primeira causa necessariamente dá tudo a todos; ou a todos ou a ninguém, tudo ou nada, segundo o trecho de Rm. 4: “chama as coisas que não são, como aquelas que são”, como sempre tenho observado amplamente a respeito desse trecho.²³

Eckhart, no capítulo XIV do *Comentário à Sabedoria (In Sap, 260)*, após afirmar que Deus conhece e ama, em todas as coisas, só o ser e si mesmo que é o ser, para justificar que, mesmo assim, o ser das criaturas não é destruído mas sim constituído, toma como ensejo novamente a proposição XX (XXI) do *Liber de Causis*:

Contudo, com confiança dizemos que o ser das coisas, por exemplo o ser do homem, do leão, do anjo e de qualquer outra coisa, é firmemente

²¹ *Ibidem*, p. 449.

²² Mestre Eckhart, 1957, p. 241.

²³ *Ibidem*, p. 241-242.

constituído e fundado só no ser e graças ao ser que é Deus, segundo Heb. 1,3: “Sustenta o universo com o poder da sua Palavra”. Com efeito, como ou em quê fundar-se-ia o ser senão no ser e graças ao ser, e o ser que deriva de outro, senão no ser primeiro? “O primeiro é rico por si”. Rm 11,36 diz: “Todas as coisas são dele, por ele e para ele”. “São”, que indica o ser. Na nona proposição o *Liber de causis* afirma: “A estabilidade e a essência de toda inteligência lhe advêm do bem puro que é a primeira causa”. E a décima-sexta diz: “Todos os poderes, para os quais não existe limite, dependem de um infinito primeiro que é o poder dos poderes”. E na décima-oitava proposição está escrito: “Todas as coisas possuem o ser graças ao ser primeiro, e todos os seres vivos são movidos por sua essência graças à vida primeira, e todos os inteligíveis têm conhecimento graças à inteligência primeira”.²⁴

As proposições do *Liber de Causis* encarregadas de corroborar o pensamento do mestre dominicano no contexto da “proposição do rico”, relacionam-se de modo exemplar à firme constituição da essência e ao seu fundamento no ser primeiro, que o turíngio, no capítulo XVI do *Comentário à Sabedoria (In Sap, 272)*, faz convergir com o pensamento cristão: enquanto rico por si mesmo, a causa primeira ou Deus, doa tudo a todos de graça (*gratis dat omnibus omnia*):

O primeiro, sendo “rico por si”, como diz o *Liber de causis*, doa a todos e não recebe nada de ninguém. O salmo 15,2 recita: “És tu o meu Senhor, porque não precisas dos meus bens”. Assim, portanto, dá tudo a todos gratuitamente. Por isso aqui está escrito: “À tua graça que tudo alimenta”. A graça se chama assim porque é dada gratuitamente.²⁵

O ser rico da causa primeira ou de Deus por si mesmo, e o dom dessa riqueza, são fundamentados na sua unidade: “*Deus é riqueza copiosa [dives profusivus] enquanto é Uno*”.²⁶

Além disso, o Uno é, em si mesmo, segundo um vocabulário tipicamente eckhartiano, negação da negação (*negatio negationis*),

²⁴ *Ibidem*, p. 591-592.

²⁵ *Ibidem*, p. 602-603.

²⁶ Cf. *supra*, nota 17.

como o turíngio escreve no *Prologus in Opus Propositionum*, citando mais uma vez o *Liber de causis*:

É o mesmo quanto ao Uno, a saber, que só Deus é propriamente ou uma coisa só ou Uno, Deut. 6: “Deus é Uno” [*Deus unus est*]. A isso se acrescenta o fato que Proclo e o *Liber de causis* muitas vezes exprimem Deus com o nome de Uno ou unidade. Além disso, este Uno é negação da negação. Por isso compete somente ao ser primeiro e pleno, que é Deus, ao qual nada pode ser negado, ele que todo ser possui primeiro e inclui simultaneamente.²⁷

Como o Uno é tudo, em virtude do seu ser e do ato de reflexão que seu ser realiza, exclui de si mesmo toda alteridade que cerceia, restringe e divide (“Em Deus, com efeito, não há alteridade [*non est aliud*]”, *Sermo XXIX*²⁸) e nega, enquanto negação da negação, todo nada possível nele mesmo e se manifesta, na negação, como pura autoafirmação, como Eckhart escreve no *Comentário ao Êxodo* (In Ex, 16):

Em terceiro lugar, deve-se notar que a repetição, pela qual se diz “sou aquele que sou”, indica a pureza da afirmação, excluindo todo elemento negativo de Deus, como também uma espécie de conversão reflexiva do ser em si mesmo e sobre si mesmo, e um permanecer e um fixar-se em si mesmo.²⁹

Por causa da exclusão que nega toda e qualquer alteridade real fora do ser divino, este é autorreferencial no grau mais elevado que é possível pensar. Esta autorreferencialidade é, segundo as palavras do turíngio, uma autoiluminação: “luz que está na luz e que com todo si mesmo penetra todo se mesmo na luz”³⁰, que é também a modalidade própria da relação intratrinitária e que o

²⁷ De Libera; Wéber; Zum Brunn, *op. cit.*, p. 74.

²⁸ Mestre Eckhart, 1955, p. 270.

²⁹ *Idem*, 1954, p. 21, n. 16.

³⁰ *Ibidem*.

mestre dominicano reitera lançando mão, novamente, da relação entre riqueza e indigência expressa pela proposição XX (XXI) do *Liber de causis*:

Mas isso, ou seja, precisar de outro e não bastar a si mesmo, é absolutamente alheio [*alienum est*] da essência de Deus. “Com efeito, o primeiro é rico por si”. Portanto, quando diz: sou aquele que sou, ensina que o sujeito sou enunciado primeiro é o mesmo predicado enunciado por segundo, e que o denominador [*agnominans*] é o mesmo denominado [*agnominatum*], a essência é o ser, a quiddidade é anidade³¹, “a essência é suficiente a si mesma”, a essência é a mesma suficiência. Isso equivale a dizer: “não carece da essência de algum ente nem carece de outro fora de si para sua consistência ou perfeição, mas sua essência lhe é suficiente em tudo e por tudo. E o que é próprio somente de Deus, esta é a suficiência.”³²

Nesse modo Meister Eckhart opõe, à autarquia absoluta de Deus, a indigência da criação:

Deus, porém, é seu mesmo ser. Ele é “aquele que é”, como se diz aqui: sou aquele que sou; “aquele que é, enviou-me”. Logo, é o ser necessário. Por isso Avicena nomeia comumente, na sua Metafísica, Deus como ser necessário [*necesse esse*]. Mas o mesmo não precisa [*indiget*] de nada, porque não carece [*eget*] de nada. Mas, pelo contrário, todas as coisas precisam dele, porque não há nada fora dele.³³

Portanto, o ser de Deus, rico por si mesmo, é idêntico à sua unidade e identidade trinitária, confirmando e fundamentando a proposição do *Sermo XXIX* a partir da qual o dominicano alemão

³¹ “A palavra árabe para existência, “*anniya*”, é traduzida para o latim como “*anitas*” – é o que responde à pergunta “*An est*” = “Há uma...?”, tal como *quidditas* é o que responde a “*Quid est*” = “O que é uma...?”. “*Anity*” (“Anidade”) jamais obteve cidadania inglesa como “*Quiddity*” (“Quiddidade”) obteve; se alguém quisesse cunhar uma palavra teria que ser “*ifness*” (“seidade”) – o que nos diz *se* há un Deus”. (Kenny; Barbaro, 2008, p. 327)

³² Mestre Eckhart, *op. cit.*, p. 26, n. 20.

³³ *Ibidem*, p. 27, n. 21.

começou sua reflexão: “Deus é riqueza copiosa [*dives profusivus*] enquanto é Uno”³⁴. A indigência da criação, por sua vez, tem uma relação dialética com a autarquia de Deus que, segundo Beierwaltes, apresenta “aos olhos de Meister Eckhart um aspecto antropológico”³⁵: a união com Deus, em seu aspecto de abertura para com a Deidade através do nascimento do *logos* no fundo da alma, não é a meta que precisa ser alcançada através do menosprezo da realidade sensível e do seu conhecimento. O intelecto humano, na medida em que é o reflexo de Deus, tem a capacidade de conhecer verdadeiramente as coisas. Por isso Eckhart, nas *Conversações Espirituais*, não ensina aos noviços o desvalorização da realidade material, mas, ao contrário, convida-os a procurar Deus não apenas intelectualmente, e sim na transparência da criação:

O homem não se deve contentar com um Deus pensado, pois quando o pensamento passa, passa também Deus. Deve-se antes possuir um Deus essencial que incomensuravelmente ultrapassa os pensamentos do homem e toda a criatura. Este Deus não passa, a menos que o homem voluntariamente se aparte dele. Quem possui Deus assim, isto é, na sua essência, apreende Deus divinamente e Deus se lhe torna transparente em todas as coisas, pois todas as coisas começam a ganhar o sabor de Deus e a imagem de Deus se lhe torna visível de dentro de todas as coisas.³⁶

A imperfeição do conhecimento sensível não se deve à dependência das coisas, mas à pretensão humana de tornar absoluto esse conhecimento, outorgando a elas uma importância que não têm. Por isso, o ser humano deve procurar um esvaziamento radical não apenas das coisas sensíveis, mas também da própria imagem de Deus, para poder lograr a verdadeira

³⁴ Cf. *supra*, nota 17.

³⁵ Beierwaltes, *op. cit.*, p. 298.

³⁶ Mestre Eckhart, 1999, p. 107.

pobreza de espírito que abre o espaço na alma onde Deus possa atuar, como Eckhart escreve na pregação 52 em alemão.

Pobreza em espírito é (apenas) quando o homem está tão vazio de Deus e de todas as suas obras a ponto de Deus, na medida em que queira operar na alma, ser ele mesmo o lugar onde quer atuar – e isto ele o faz (certamente) com prazer. Quando, pois, encontra o homem assim pobre, Deus atua sua própria obra e o homem padece Deus em si, e Deus é o lugar próprio para suas obras em consideração ao fato que Ele é Um e atua em si mesmo. Aqui, nessa pobreza, o homem alcança o ser eterno (de novo), que ele foi e que ele é agora, e que há de permanecer eternamente.³⁷

3. A presença do *Liber de Causis* nas obras alemãs

O mestre dominicano faz uma dupla referência ao *Liber de Causis* em um único sermão em alemão, a pregação 80, utilizando, porém, o insólito nome de *Luz das luzes* (em latim *De lumine luminum*), como foi destacado acima. Segundo Meliadó³⁸, a origem dessa denominação é desconhecida, embora Eckhart não a utilize por acaso. Com efeito, na proposição V do *Liber de Causis*, que trata da inexprimibilidade da causa primeira, está escrito: “Isto é assim, porque a causa primeira não deixa de iluminar seu efeito, e ela mesma não é iluminada por nenhuma outra luz, porque ela é a luz pura acima da qual não existe outra”³⁹.

O sermão 80 é testemunhado por inteiro em cinco manuscritos e, de maneira fragmentada, em outros dez. Ele foi inserido no *Paradisus anime intelligentis*⁴⁰, e isso leva a pensar que foi proferido

³⁷ Mestre Eckhart, 2006, p. 290-291.

³⁸ Meliadó, *op. cit.*, p. 501-553.

³⁹ Ter Reegen, *op. cit.*, p. 106.

⁴⁰ Esse é o título de uma seleção de 64 pregações em alemão da metade do sec. XIV, a metade das quais é atribuída a Meister Eckhart. Para o medievalista suíço Kurt Ruh, a importância do *Paradisus anime intelligentis* está na transmissão de uma doutrina especificamente dominicana, cuja singularidade já aparece no título. O “Paraíso da alma”, com efeito, era um *topos* comum na

em Erfurt logo depois do primeiro magistério parisiense de Eckhart⁴¹. A citação bíblica inicial, do evangelho de Lucas (“Havia um homem rico que se adornava com seda e veludo e comia todos os dias alimentos sofisticados”, Lc 16,19), pode ser encontrada em duas ocasiões no missal dominicano: na quinta-feira depois do segundo domingo de Quaresma e no primeiro domingo após a festa da Trindade. Para comentar essa citação, o turíngio tinha à disposição não apenas o *Liber de Causis*, mas também a paráfrase albertiana. Nesse sermão, Meister Eckhart lança mão do *Liber de Causis* em modo muito preciso, para que sua *auctoritas* sustente quatro núcleos temáticos que são característicos do seu pensamento, a saber:

- a) a imanência-transcendência simultânea da causa primeira com relação às criaturas;
- b) a doutrina da hierarquia dos entes;
- c) a concepção do ser como razão primeira da criaturalidade;
- d) a infabilidade de Deus.

A causa primeira é caracterizada, no *Liber de Causis*, pelo fato de ser uma presença absoluta e sem forma nos causados:

Liber de Causis, Prop. I⁴²

Pregação 80⁴³

Toda causa primeira influencia mais o seu efeito do que a causa universal

Ele é a causa primeira; por isso se infunde para dentro

Idade Média, mas “alma racional” é uma expressão que revela o conteúdo de um programa cuja superioridade cabe ao *intellectus*, enquanto faculdade mais elevada em relação à *caritas*. Essa era uma questão de suma importância que, nessa época, caracterizava o embate entre dominicanos e franciscanos. Cf. Raschiatti, 2011.

⁴¹ Cf. Raschiatti, 2013, p. 16 *et seq.*

⁴² Ter Reegen, *op. cit.*, p. 92/96.

⁴³ Mestre Eckhart, 2008, p. 105.

segunda. [...] E a causa primeira ajuda a causa segunda na sua operação, porque toda ação que a causa segunda realiza, a causa primeira também a realiza; e ela o faz até de uma outra forma, mais nobre e mais sublime.

de todas as coisas.

Não há nada de mais unido e íntimo do que o efeito com a causa primeira: Deus, causa primeira, é o fundamento do ser de todas as criaturas e, enquanto razão de todas as coisas, contém de forma eminente todas as perfeições das suas criaturas. Aquele que é causado, puramente passivo e sem forma, está pronto a receber tudo da sua causa ou daquilo que lhe é superior na hierarquia dos entes:

Liber de Causis, Prop. VII (VIII)⁴⁴

Toda inteligência conhece o que está acima e o que está abaixo dela: mas ela conhece o que está abaixo dela porque é a sua causa, e ela conhece o que está acima dela, porque é daí que recebe suas perfeições.

*Pregação 80*⁴⁵

Sobre isso, um mestre pagão diz que a causa primeira se derrama em todas as outras causas mais do que estas se derramam em suas obras.

Esta doutrina da hierarquia dos entes e a afirmação conseguinte segundo a qual o ente cognitivo é superior ao ente natural, assim como o intelecto é superior à natureza, é outra marca da presença do *Liber de Causis* nas obras de Meister Eckhart, bem como o conceito de ser como razão primeira da criaturalidade, formulado por Eckhart a partir da proposição IV do *Liber de Causis*:

⁴⁴ Ter Reegen, *op. cit.*, p. 112.

⁴⁵ Mestre Eckhart, *op. cit.*, p. 105.

Liber de Causis, Prop. IV⁴⁶

A primeira das coisas criadas é o ser e antes dele não existe outra coisa criada. [...] Ele, em verdade, não é feito múltiplo pelo fato de ser composto de finito e infinito, mesmo sendo simples e não havendo entre as coisas criadas, nada mais simples do que ele.

*Pregação 80*⁴⁷

Ele também é simples em seu ser. O que é simples? Sobre isso diz o Bispo Alberto: Uma coisa é simples quando em si mesma é um, sem alteridade, isto é Deus, e todas as coisas unitárias se mantêm naquilo que ele é. Ali as criaturas são um no um e são Deus em Deus: nelas mesmas, nada são.

Enfim, o turíngio herda das proposições V (VI) e XXI (XXII) do *Liber de Causis* o conceito de Deus como ser “acima de todo nome”:

Liber de Causis, Prop. (VI) e XXI (XXII)⁴⁸

A causa primeira é superior à descrição, e as línguas fracassam ao falar dela, quando descrevem o seu ser, porque ela está acima de toda causa, e dela podemos falar somente através das causas segundas, que são iluminadas pela luz da causa primeira.

A causa primeira está acima de todo nome com que é nomeada.

*Pregação 80*⁴⁹

“Ele não tinha nome.” Assim o Deus abissal não possui nome, pois todos os nomes que lhe dá a alma, ela os tira no conhecimento de si mesma. Sobre isso um mestre pagão nos diz no livro que se chama a luz das luzes: Deus é sobre-essencial e é sobre-dizível e sobre-conhecível, na medida em que se trata do conhecer natural.

⁴⁶ Ter Reegen, *op. cit.*, p. 100-102.

⁴⁷ Mestre Eckhart, *op. cit.*, p. 105.

⁴⁸ Ter Reegen, *op. cit.*, p. 106/144.

⁴⁹ Mestre Eckhart, *op. cit.*, p. 104.

Retucci, comparando as citações na obra latina e na obra alemã, revela um pormenor interessante: a proposição V (VI), sem contar as ocorrências que podem ser encontradas nas atas do processo⁵⁰ a que Eckhart foi submetido, é citada apenas uma vez na obra latina, contra quatro na obra alemã, duas vezes em forma de citação explícita indeterminada e duas explicitamente. O mesmo acontece com a proposição XXI (XXII): citada apenas duas vezes na obra latina, encontra-se também quatro vezes na obra alemã. Esta dissimetria, segundo a autora, revela um desígnio muito preciso: o esforço de fundar a possibilidade de nomear Deus, anima a exegese eckhartiana do trecho bíblico de Ex 15,3 na obra latina (*Omnipotens est nomen eius*)⁵¹. A constatação do fato de Deus ser inominável, ao contrário, caracteriza toda a pregação em alemão. Portanto, o Deus do Êxodo está, sim, acima de qualquer narração, mas não é inefável e se identifica com o ser: “*ego sum qui sum*” (Ex 3,14). O Deus das pregações em vulgar, ao invés, é “*nameloz*”, sem nome, e sua inefabilidade leva aos extremos que não passaram despercebidos aos olhos dos inquisidores, como se depreende da Bula *In Agro Dominico*: “Deus não é bom, nem melhor, nem ótimo. Quando eu chamo Deus de bom, falo tão inadequadamente quanto se chamasse o branco de negro”⁵².

Outra marca da presença do *Liber de Causis* na obra alemã do mestre dominicano, pode ser reconhecida na sua teoria original da alma. Segundo Meliadò⁵³, na obra pseudoepigráfica está descrita uma estrutura suprassensível no interior da alma humana. Com efeito, o intelecto compreende as coisas segundo seu ser universal, supremo e único; a natureza, ao invés, apreende o ser singular, material e efêmero. Entre as duas realidades, encontra-se a alma: ela é o lugar onde as formas inteligíveis e imutáveis dos modelos das coisas são abstraídas e onde, através dos sentidos, as mesmas

50 Cf. Raschiatti, *op. cit.*, p. 67 *et seq.*

51 Mestre Eckhart, 1954, p. 41, n. 35.

52 Cf. Raschiatti, *op. cit.*, p. 77.

53 Meliadò, *op. cit.*, p. 547-548.

coisas são percebidas na sua mutabilidade. Uma confirmação disso, é a interpretação eckhartiana segundo a qual também o *Liber de Causis* atribui à alma um papel imprescindível, como é possível ler no começo da pregação 32 “*Consideravit semitas domus suæ*”, inspirada na proposição II do *Liber de Causis*. O célebre teorema, de fato, confere à alma uma posição intermediária entre a eternidade e o tempo (*post æternitatem et supra tempus*):

Um velho mestre diz que a alma é feita entre um e dois. O um é a eternidade que se mantém, todo o tempo, só e é uniforme. O dois, porém, é o tempo que se modifica e se multiplica. Ele quer com isso dizer que, com as forças supremas, a alma toca a eternidade, isto é, Deus. Com as forças ínfimas < ao contrário > toca o tempo, sendo por isso submetida à mudança e inclinada às coisas corporais, perdendo assim a nobreza.⁵⁴

Conclusão

Meister Eckhart utilizou amplamente o *Liber de Causis* na elaboração de suas obras, como foi evidenciado ao longo desse trabalho, não em modo esporádico ou instrumental, mas com um interesse doutrinal coerente e preciso. Uma coletânea seletiva das proposições dessa obra pseudoepigráfica, em particular das proposições XX (XXI), IV e I, imprime nos escritos eckhartianos um paradigma metafísico que expressa a relação ontológica entre Deus e as criaturas. Estas três proposições constituem, juntas, o perfil de uma doutrina da Causa Primeira na qual as criaturas, caracterizadas por uma imperfeição constitutiva diante de Deus, são preenchidas interiormente pela sua presença e, ao mesmo tempo, cumuladas pela sua riqueza.

A frequência das citações reflete também a relevância específica do *Liber de Causis* no conjunto da obra do turíngio, cuja predominância e centralidade nas obras latinas se revela decisiva para a elaboração da sua metafísica. Esta análise de Meister

⁵⁴ Mestre Eckhart, 2006, p. 199.

Eckhart como leitor do *Liber de Causis* pode favorecer uma compreensão mais exata da particularidade de sua filosofia. A partir desta obra pseudoepigráfica, o mestre dominicano apresenta dois modelos da relação entre a causa primeira e seus causados: o primeiro se baseia na polaridade riqueza-indigência (*dives-indigens*) e define as criaturas como inferiores, puramente passivas, prontas a receber tudo da sua causa ou daquilo que é superior a elas na escala hierárquica dos entes. O segundo, por sua vez, descreve as possibilidades do intelecto humano e o lugar da alma, situada a meio caminho entre o tempo e a eternidade.

A hermenêutica eckhartiana do *Liber de Causis* revela, assim, a capacidade incomum do discípulo do Reino que, tal como o pai de família evangélico, sabe tirar do seu tesouro coisas antigas e coisas novas.

Referências

BEIERWALTES, W. “*Primus est dives per se*”. Maître Eckhart et le *Liber de causis*. In: ZUM BRUNN, E. (Org.). *Voici Maître Eckhart*. Paris: Jérôme Millon, 1994.

DE LIBERA, A. *La Mystique rhénane: D'Albert le Grand à Maître Eckhart*. Paris: Seuil, 1984.

DE LIBERA, A; WÉBER, E.; ZUM BRUNN, E. *L'Œuvre Latine de Maître Eckhart – Vol. I: Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*. Paris: Cerf, 1984.

GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

KENNY, A; BARBARO, C. A. *Uma nova história da filosofia ocidental – Vol. II: Filosofia medieval*. São Paulo: Loyola, 2008.

MESTRE ECKHART. *Expositio Libri Exodi*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1954.

MESTRE ECKHART. *Sermones*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1955.

MESTRE ECKHART. *Die lateinischen Werke (LW II)*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1957.

MESTRE ECKHART. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães: Vol. I*. Bragança Paulista: EDUSF; Petrópolis: Vozes, 2006.

MESTRE ECKHART. *Sermões Alemães: Vol. II*. Bragança Paulista: EDUSF; Petrópolis: Vozes, 2008.

MELIADÒ, M. Theologie und Noetik der Erstursache: der Liber de causis als Quelle Meister Eckharts. *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale*, Firenze, n. 24, 2013, p. 501-553.

PATTIN, A. *Le liber de causis*. Édition établie à l'aire de 90 manuscrits avec introduciton et notes. *Tijdschrift voor Filosofie*, Leuven, v. 28, 1996.

PROCLI DIADOCHI. *Elementatio theologica a Guillelmo de Morbecca translata Novam editionem curavit Burchardus Mojsisch 2009*. Teorema 25. Disponível em: < <http://www.hs-augsburg.de> >. Acesso em: 19 set. 2014.

RASCHIETTI, M. *Mestre Eckhart: um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*. São Paulo: Paulus, 2013.

RASCHIETTI, M. Meister Eckhart e o *Paradisus anime intelligentis*. *Mirabilia – Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, n. 12, jan.-jun. 2011, p. 74-90. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_01_05.pdf>. Acesso em: 19 set. 2014.

REALE, G. *Introduzione a Proclo*. Bari: Laterza, 1989.

Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 22, n. 37, jan.-abr. 2015. ISSN1983-2109

RETUCCI, F. “Her ûf sprichet ein heidenischer meister in dem buoche, daz dâ heizet daz lieht der liehte”: Eckhart, il *Liber de causis* e Proclo. In: STURLESE, L. (Org.). *Studi sulle fonti di Meister Eckhart*. Freiburg Schweiz: Academic Press Freiburg, 2008, p. 135-166.

THOMÆ DE AQUINO, S. *Super librum de causis expositio*. Procœmium. [s. l.]: Fundación Tomás de Aquino, 2011. Disponível em: < <http://www.corpusthomicum.org/cdc00.html> >. Acesso em: 19 set. 2014.

STURLESE, L. Il dibattito sul Proclo latino fra l'università di Parigi e lo Studium di Colonia. In: BOSS, G.; SEEL, G. (Org.) *Proclus et son influence: Acte du Colloque de Neuchatêl, juin 1985*. Zürich: Gran Midi, 1987.

TER REEGEN, J. G. J. (Org.). *O livro das causas (Liber de Causis)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Artigo recebido em 19/09/2014, aprovado em 1/02/2015